



VIII Seminário Nacional
de Sociologia & Política

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

VIII Seminário Nacional Sociologia & Política

Maio, 2017, Curitiba

Grupo de Trabalho 10 - Ruralidades ambiente e sociedade

O Surgimento do empresário rural no Cariri Ocidental Paraibano



VIII Seminário Nacional
de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

O Surgimento do empresário rural no Cariri Ocidental Paraibano

Jéssica da Silva Vieira¹
Kátia Carina Mesquita Cruz de Araújo²
José Marciano Monteiro³

Este trabalho tem por objetivo analisar o surgimento de um novo agente social: o empresário rural. Agente agrário e econômico que se integra ao mercado com novas técnicas de produção. O lócus da pesquisa é o Estado da Paraíba, especificamente em três municípios do Cariri Ocidental: Serra Branca, Sumé e Monteiro. Esta configuração de empresário surge no contexto do “novo rural” – diferenciando-se, portanto, do camponês. Tais agentes se caracterizam, de acordo com a pesquisa, por dirigirem empresa agrária e desempenhar novos papéis na economia urbana. Foi possível também identificar que o campo e a terra são utilizados por estes novos agentes de maneira “coerente”, pois, além, de possuir *expertise* e serem, na maioria, agentes capacitados, em habilidades para práticas sustentáveis no campo, possuem objetivos claros sobre a atividade desenvolvida. Com tal pesquisa, buscou-se refletir sobre os perfis profissionais desses agentes, bem como pensar trajetórias individuais. Estas que são marcadas pelas presenças de aposentados, servidores públicos, comerciantes e políticos locais.

Palavras-Chave: Empresário rural, Cariri Paraibano, Novo Rural.

¹ Mestre em Ciências Sociais, professora no Ensino Médio, jessicasvieiravieira4@gmail.com.

² Mestre em Ciências Sociais, Especialista em Educação, Professora substituta na UFCG – CDSA, professora do Ensino Médio, kcmcruz@yahoo.com.br

³ Doutor em Ciências Sociais, professor da UFCG – CDSA, jm.monteiro17@gmail.com.



1. Introdução

Nas últimas décadas, o semiárido nordestino brasileiro vem sofrendo grandes transformações sociais, sendo palco, também, de processos de mudança ambiental, mudanças essas que impactam diferentemente os grupos sociais e que permitem inclusive a emergência de novos atores no mundo rural, num contexto de expansão da atividade pecuária e de retração das áreas destinadas à agricultura (Nunes, 2011).

O presente trabalho faz parte de uma investigação realizada na pós-graduação em nível de mestrado acadêmico, em um esforço de compreender os diferentes fatores associados à expansão da pecuária no Cariri Paraibano⁴, com implicações em termos da busca por novas formas de desenvolvimento, de organização e de produção do espaço agrícola, que desde muito tempo vem sendo pensado por muitos como uma área frágil e limitante ao desenvolvimento humano.

No Cariri Ocidental Paraibano são passíveis de observação alguns esforços de modernização da atividade agropecuária, protagonizados pelo que consideramos ser a consolidação ou emergência de um grupo que chamamos de empresários rurais, como categoria diferenciada seja dos agricultores familiares seja dos antigos latifundiários, que congrega proprietários com múltiplas trajetórias, o que eles têm em comum é a organização da produção em termos capitalistas.

É possível notar algumas iniciativas que são tomadas não só por antigos latifundiários, ou derivados da agricultura familiar, mas também por novos “atores”, que buscam oportunidades de investimento na atividade agropecuária, incluindo novas relações de produção, novos processos de desenvolvimento, a partir de uma nova lógica produtiva.

Partindo do pensamento de Fernandes (1981), podemos dizer que esses novos agentes encaram a empresa agrária em termos estreitamente mercantis e possuem interesses econômicos comuns, que fazem com que os empresários rurais assumam papéis diferenciados tanto no campo como na cidade.

⁴Situado na parte Centro-Sul da Paraíba, o Cariri representa uma vasta porção do território do Estado – cerca de 25% - ocupando aproximadamente 15.500 km²; ele conta com uma população de apenas 290.000 habitantes, com forte predominância da população rural (72,6%) e numa densidade particularmente fraca: menos de 19 hab/km² (média do Estado: 49 hab/km²) .(IBGE 1980. Censo Demográfico. Apud DUQUÉ, Ghislaine. Jan. 1984/Dez.1985)



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Os empresários rurais têm uma trajetória na literatura que passa por autores como Maria de Nazareth Wanderley e Florestan Fernandes ao abordarem que as novas transformações remetem a um capitalismo agrário, com novas relações de produção e de trabalho, surgindo a chamada “empresa rural” denominada capitalista, e o empresário rural, onde Wanderley (2011) irá destacar que estes têm uma posição privilegiada nesta estrutura, na medida em que são eles os agentes imediatos da captação dos excedentes agrícolas à destinação dos setores dominantes, através do que sedimenta a base material de sua própria reprodução social. Ainda que o trabalho não siga exatamente essa formulação, buscamos chamar atenção para as conexões entre esse modo de organização da produção com processos de modernização.

Algumas pesquisas já foram realizadas no Cariri Paraibano abordando de maneira especial os novos meios de produção e desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o estímulo da atividade agropecuária familiar, trazendo a tona os novos investimentos nesta atividade, que crescem com bastante intensidade. Para analisar esses novos atores, que estão inseridos no mundo rural instituindo novas relações de produção e expansão no Cariri Paraibano, a pesquisa foi realizada em alguns municípios situados na microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, como Serra Branca, que contem 13.101 habitantes, distribuídos em 738 km² de área; Sumé com 16.060 habitantes e uma área de 838,071 km²; e Monteiro, contendo uma área de 1.009,90 km² e população de 30.852 habitantes, segundo o Censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e Estatística) 2010.

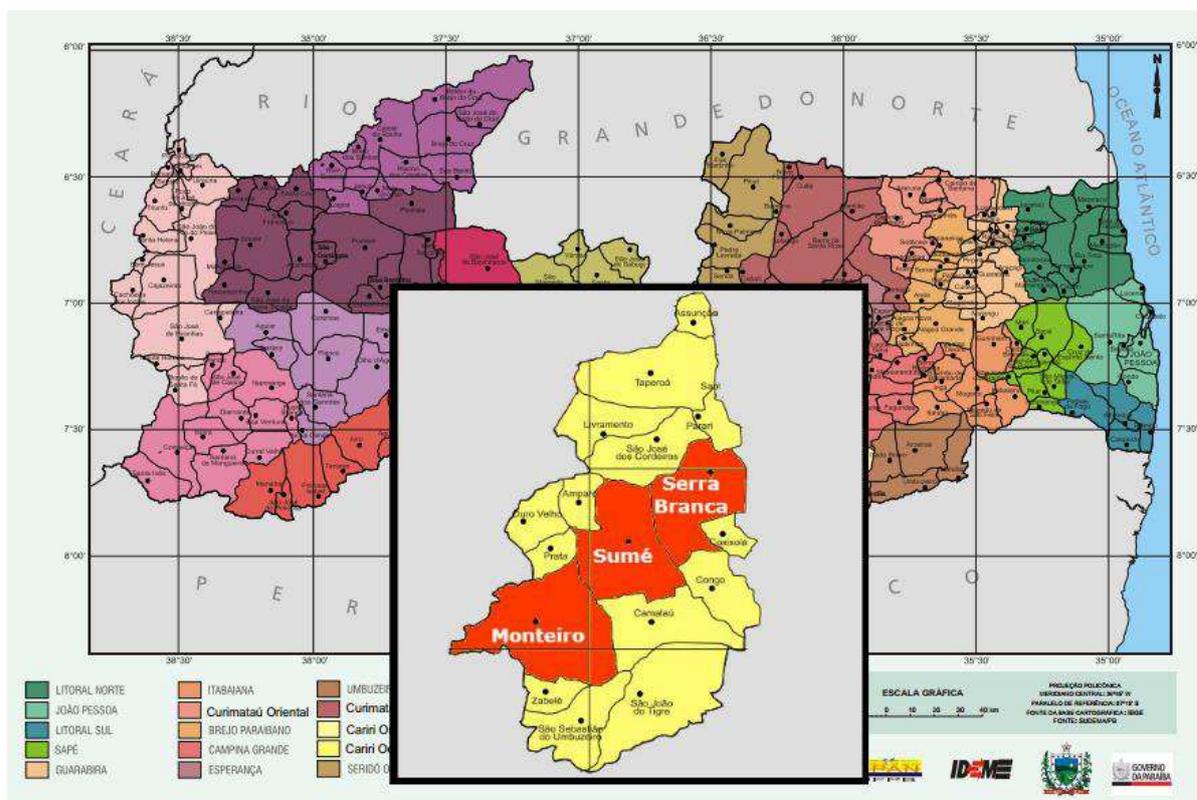
A microrregião do Cariri Ocidental Paraibano com destaque para os municípios estudados.



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017



Fonte: Ideme.pb.gov.br/microrregiões, com interferência da autora, para destaque dos municípios da microrregião do Cariri Ocidental Paraibano.

De maneira especial, podemos analisar a emergência ou consolidação de um grupo social no Cariri Ocidental Paraibano, identificado como empresários rurais que congrega proprietários com múltiplas trajetórias, como herdeiros de terra; servidores públicos que não provém do rural, mas que adquirem terras para a produção; aposentados e comerciantes que apresentam como elemento comum uma relação com a terra que é distinta tanto do antigo latifúndio, como da agricultura familiar. É importante entender porque pessoas que não operam na base da agricultura familiar e que também não são antigos latifundiários passam a se interessar pelo meio agrícola, pessoas que muitas vezes não derivam de famílias “tradicionais” das cidades de Serra Branca, Sumé ou Monteiro, mas que têm um estilo de vida específico que as diferencia tanto do produtor familiar que é assistido por programas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), como do grande produtor filho de família influente que também venha a fazer parte desse novo cenário.

Foi possível observar quem são esses novos atores, qual a atividade desenvolvida por eles além da pecuária, além do interesse dos mesmos pela terra utilizada como uma forma de



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

investimento que complementa outro tipo de atividade na maioria das vezes fora do espaço rural.

O desenho de pesquisa enfatizou a abordagem qualitativa, através de entrevistas abertas e semi-estruturadas. Dentro do quadro do que denominamos como empresários rurais têm-se que um grupo que é diversificado em relação a suas práticas produtivas, organização e trajetórias, especialização, uso e apropriação da terra, formação técnica, tamanho da propriedade, relações com a mão de obra, além das diversas atividades desenvolvidas fora do rural. A pesquisa de campo nos permitiu realizar a observação de perfis diferenciados de empresários rurais, em cada um dos municípios destacados, no Cariri Ocidental da Paraíba. Em Serra Branca, encontramos funcionários públicos que não são antigos latifundiários, nem tem uma trajetória de vida no rural, mas que adquiriram terras com recursos próprios para a criação de caprinos, ovinos e suínos, além de culturas agrícolas. Já na cidade de Sumé, observa-se um grupo de “atores” que tem a terra como herança, o que não é um caso geral, e que continua a comprar terras para a criação de gado e culturas agrícolas para a comercialização. Na cidade de Monteiro, vemos que existe a compra da terra com recursos adquiridos em outro tipo de atividade não rural. Estes produtores não operam na base da agricultura familiar, ou não são oriundos de uma família camponesa, mas se interessaram pelo meio rural. Ainda assim, é possível encontrar pessoas que adquiriram a terra como herança, que cultivam nas mesmas, mas que exercem outras atividades fora do rural e continuam a comprar outras propriedades, o que leva-nos a frisar o que destaca Fernandes (1981), que os empresários rurais têm papéis econômicos na economia urbana que não nascem das empresas agrárias, e vice-versa, são “atores” que defendem os seus interesses de mercado, colocando em prática os interesses econômicos, adquirindo papéis econômicos na economia agrária.

2. Contextualizando o Campo

A década de 1980 é marcada por um forte sentimento de crise regional no semiárido nordestino. O fracasso das políticas de combate à seca e a ineficácia dos perímetros irrigados denunciam a falência do projeto de desenvolvimento anterior e determina a emergência de um novo projeto de modernização (Cunha & Marques, 2010). Tal decadência do sistema que até



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

então estava em vigor trás a implementação de outras políticas que possam promover de forma mais eficiente o desenvolvimento da atividade pecuária. É na década de 1990 que aparecem com mais frequência os esforços de modificação do espaço, reconstrução de projetos políticos e esforços de modernização, influenciando nas dinâmicas atuais de desenvolvimento de novas políticas públicas.

O semiárido tem sua importância para a pesquisa, devido aos esforços realizados na região para a constituição de uma cadeia produtiva moderna de criação de caprinos e ovinos e de processamento de seus produtores (Cunha, 2009) além da chamada reabilitação da pecuária, que traz diversas transformações discursivas como a de um novo projeto de modernização para o semiárido e processos de mudança ambiental, remetendo também “as reconversões produtivas que em suas aplicações remetem às dinâmicas do mundo rural, à descrição de transformações no uso do solo para fins de produção agropecuária.” (Cunha, 2009).

As discussões recentes sobre as transformações do mundo rural (WANDERLEY, 2000; MAIA, 2013), as políticas de desenvolvimento rural (CARVALHO, 1988; SILVA, 2012; DELGADO, 2005; CUNHA, 2010) e as novas dinâmicas produtivas no campo direcionam a atenção de muitos pesquisadores para o estudo de novos agentes/atores protagonistas desses processos sociais sendo destacados como novos agentes agrários e econômicos que se integram ao mercado com novas técnicas de produção que não diferem dos antigos padrões, mas se inserem no que Maia (2014, pág. 56) destaca como “transformações sociais, econômicas e técnicas que têm sido vivenciadas nas médias e grandes propriedades rurais do semiárido nordestino”.

Por outro lado, a literatura enfatiza também a emergência de novas formas de produção e organização social no espaço rural que diferem daquela tida nos anos 1940 ou até mesmo 1960, que Szmrecsányi (1983) destaca como décadas em que inexistiam fortes interesses agrários necessitados de máquinas, implementos e insumos industriais. Mas o que vemos a partir do final da década de 1990 são grandes transformações políticas, econômicas e sociais no campo brasileiro, onde se destaca o avanço do agronegócio (Silva, 2012).

Na microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, que envolve os municípios de Serra Branca, Sumé e Monteiro, municípios numa região de clima semiárido, é possível perceber tanto a emergência de atores/agentes, quanto de novas formas de produção e organização



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

social, com ênfase para dinâmicas e políticas relacionadas a agricultura familiar. Uma lacuna nessa literatura, porém, refere-se ao que estamos entendendo “empresário rural”, que nesta região, se diferencia do agricultor familiar, mas não pode ser enquadrado na lógica do grande agronegócio.

Podemos falar de transformações sociais mais gerais que nos levam a pensar em novas formas de relação social no espaço rural, como também no surgimento de novos atores/agentes, que ocuparão um lugar especial no debate sobre a passagem do predomínio do latifúndio para a forte presença de políticas públicas de apoio ao desenvolvimento da agricultura familiar, anteriormente via perímetros irrigados e no caso do Cariri Ocidental da Paraíba, particularmente voltadas para o incentivo da caprinovinocultura leiteira a partir de finais da década de 1990.

3. Apresentando o Empresário Rural

O empresário rural difere do camponês. Os primeiros são tidos como novos agentes agrários e econômicos, se integrando ao mercado com novas técnicas de produção. Fernandes (1981) destaca que eles seriam aqueles que dirigem a empresa agrária. Inseridos ainda nas chamadas elites econômicas que no momento em que o autor escreve, estão presentes tanto no campo como na cidade, defendendo os seus interesses de mercado e colocando em prática os interesses econômicos.

Barcellos, Lampert, Grundling e Canelas (2010) ao abordarem sobre a empresa rural do século XXI no contexto do agronegócio brasileiro, destaca que os recursos existentes em uma empresa rural variam de acordo com as características das atividades exercidas no espaço onde a mesma se encontra. Na pecuária de corte, por exemplo, os recursos utilizados podem ser os animais, as pastagens, as máquinas e os implementos a serem utilizados. Já as empresas dedicadas à agricultura dependem de insumos como fertilizantes, suplementos, sementes, entre outros, para que os níveis de produção e produtividade desejados possam ser alcançados.

Ainda que o trabalho não siga exatamente essa formulação, buscamos chamar atenção para as conexões entre esse modo de organização da produção com processos de modernização, tendo ainda o intuito de estudar o empresário rural como transformador do espaço, trazendo uma nova lógica empresarial, especialmente para o Cariri Paraibano e as formas de produção em termos capitalistas.



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Partindo do pensamento de Fernandes (1981), podemos dizer que esses novos agentes encaram a empresa agrária em termos estreitamente mercantis e possuem interesses econômicos comuns, que fazem com que os empresários rurais assumam papéis diferenciados tanto no campo como na cidade. No caso desse estudo, encontramos indivíduos e estabelecimentos que têm em comum a organização da produção em uma lógica capitalista com diferentes características em cada uma das cidades pesquisadas, localizadas no Cariri Ocidental Paraibano, dentre os perfis encontrados em pesquisa exploratória, temos herdeiros de terras, servidores públicos que não provem do rural, mas que adquirem terras para a produção, aposentados e comerciantes que apresentam como elemento comum uma relação com a terra que é distinta tanto do antigo latifúndio, como da agricultura familiar.

As propriedades têm entre 07 ha a 100 ha, podendo algumas delas chegar a 500 ha. Muitas delas foram adquiridas com recursos acumulados em outras atividades que não provém do rural, algumas ainda são herança de família, sendo que em alguns casos as mesmas foram vendidas a terceiros, e adquiridas mais tarde por um herdeiro que volta ao seu lugar de origem (ou dos pais) e compra essas terras para a produção com a renda arrecadada em outra atividade fora do espaço rural e até mesmo em outros estados como é o caso do Sr. Ivo Honorato que saiu da propriedade dos seus pais ainda jovem, foi embora para outro Estado, se especializou em uma profissão e ao se aposentar volta para o seu lugar de origem, comprando as terras que eram dos seus pais para a produção agrícola e pecuária. O que nos leva a entender a origem do capital. Esses novos agentes adquirem as terras na maioria dos casos com recursos adquiridos em outras atividades, fora do rural, se interessam por esse meio e adquirem propriedades para a produção.

A pesquisa de campo foi realizada em três municípios do Cariri Ocidental Paraibano – Serra Branca, Sumé e Monteiro – onde se considera que a consolidação do grupo social dos empresários rurais vem se tornando relevante. A nova relação com a terra (para a região estudada) que este grupo estabelece pode ser pensada em termos de uma orientação ao mercado, racionalização dos processos produtivos e retorno de investimentos, o que será discutido adiante.

Dessa maneira, esta pesquisa de campo buscou refletir sobre as estratégias empreendidas, pelos empresários rurais que são assim chamados por nós, por serem atores que exercem diferentes funções dentro e fora do rural.



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Dentro do quadro do que denominamos como empresário rural é possível observar um grupo que é diversificado em relação a suas práticas produtivas, organização e trajetórias, especialização, uso e apropriação da terra, formação técnica, tamanho da propriedade, relações com a mão de obra, além das diversas atividades desenvolvidas fora do rural. Com a pesquisa de campo, foi possível construir perfis diferenciados desses empresários rurais em cada um dos municípios nos quais realizamos a pesquisa. Em Serra Branca, encontramos funcionários públicos que não são antigos latifundiários, aposentados que cresceram no município e que ainda jovens migraram e que ao retornarem, adquirem terras com recursos próprios para a criação de caprinos, ovinos e suínos, além de culturas agrícolas.

Dentre os entrevistados, encontramos atores que provém do rural, de famílias camponesas, que têm formação em escola agrotécnica, além de curso técnico em agropecuária e ensino superior de Tecnólogo em Gestão Pública, trabalhando em órgãos públicos como a EMATER na parte de suporte técnico. Como é o caso do senhor Antônio Alberto que nos conta como foi adquirida a sua propriedade, o mesmo que saiu para estudar em outro município do Estado, retorna para Serra Branca depois de formado e concursado, especialmente para cuidar da propriedade que já era herança de sua mãe e tios e o mesmo compra a parte de todos os familiares, para continuar investindo na terra à sua maneira.

[...] comecei a estudar fiz o primário, fiz o ginásio, quando eu estava no segundo ano científico eu fui fazer o curso técnico em Bananeiras, na área rural, técnico em Agropecuária em Bananeiras no Colégio Agrícola, ao terminar passei no concurso da EMATER, passei e estou até hoje. Aí trabalhei em várias cidades vários municípios da região e como sou da região me despertou e minha mãe veio a herdar a propriedade do meu avô onde nasci, quer dizer ela toda foi dividida, e nós ficamos, minha mãe ficou com uma parte e essa parte eu fiquei administrando por ser da área. Na época que meu avô morreu, minha mãe arrendou a um pessoal, não deu certo. Aí eu disse: “não”, eu vou, vou pra Serra Branca, e vim administrar, residir aqui. Minha mãe doente, e a propriedade precisava de uma administração, comecei a investir na propriedade, tinha muitos problemas era pouca cerca, fiz tudo, comecei fazer um investimento forte e por ser da área dentro daquela tecnologia, comecei plantar palma, fazer poços, botar energia, construir as estruturas de manejo de caprino, ovino e avicultura, mas a água pouca na época [...] (Antônio Alberto – Sítio Balanço – Serra Branca).

A partir dessa fala, podemos destacar a visão de investimento realizada por alguém que já conhecia a propriedade e dispunha de recursos e técnicas para aprimorar a mesma e garantir o uso de práticas agropecuárias, com um pensamento de liderança e investimento.



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Encontramos ainda aposentados que decidiram após essa fase da vida investir no rural. Como é o caso do senhor Ivo Honorato que aos 19 anos migrou para outro estado, decidindo deixar sua família, ainda na juventude, em busca de um futuro promissor, anos depois retorna, tendo construído uma família e já aposentado, adquire a terra para investimento.

Eu nasci e mim criei aqui só que ate chegar na fazenda tem chão. Eu nasci no ligeiro que fica a quatro quilômetros daqui é Ligeiro de Baixo e Ligeiro de Cima. Meus pais são de lá, ai vim pra Serra branca com 12 anos, estudei aqui ate a terceira serie primaria. Aí fui para Rio de Janeiro com 19 anos de idade e fiquei no Rio de Janeiro 37 anos. Casei tenho quatro filhos, casei duas vezes tenho um casal do primeiro casamento e um casal do segundo. “E essa daqui é minha caçulinha, essa ai é o xodó”. É isso aí! Aí depois me aposentei e vim morar em Serra Branca. Na verdade eu não quis voltar, a ideia não era voltar! É que depois que me aposentei botei um comercio no Rio de Janeiro, mas violência obrigou-me a voltar, assaltos, bastante tentativas de assaltos, sequestros, ai preferi vim embora para cá. Essa propriedade eu já tinha comprado em 83, se não me engano, ai fiquei com ela 10 anos ai vendi pra um primo nosso, ai depois quando voltei comprei outra vez. (Ivo Honorato – Fazenda Pinhões – Serra Branca).

Em outro caso, apresentamos o Sr. Gilmar Pereira, que é servidor público aposentado do Banco do Brasil, que adquiriu a propriedade tendo a mesma como um retorno de investimento, principalmente, através, da criação de frango caipira, comercializando frangos abatidos e ovos caipira no município e em cidades vizinhas.

[...] na minha infância sempre cuidei de animais de cabras juntamente com meu pai e meu outro irmão Orlando que era a forma que nós tínhamos pra complementar a renda, então a gente criava cabras dentro de um quintal grande da casa, meu pai tinha uma vazante, um açude, tinha capim que sobrava do algodão, da batata, que agente chama a rama da batata, essas coisas todas, e meu pai ainda comprava palha seca das vazantes vizinhas e eu, meu irmão e ele era quem tirava essa palha das rações todo dia, isso era todo dia e a gente engordava esses animais, criava esses animais pra poder no final do ano vender pra comprar roupa, comprar calçado da gente, que era comprado apenas uma vez por ano. Quando comecei a estudar, com 19 anos ingressei no banco ai a vida da gente mudou, mas nunca esqueci esse lado rural. Aí oito anos atrás eu consegui comprar uma área de 30 hectares, eu comprei com recursos próprios, aqui no Pé da Serra, eu sempre tive essa vontade e assim me veio na cabeça vários projetos, aí enveredei primeiro pela criação de frangos caipiras fiz curso junto a Universidade Federal de Viçosa a distancia e visitei muitos criadores, então hoje agente está bem pra morar numa região... viver numa região pobre, acho que hoje talvez eu, talvez seja um dos maiores criadores nessa região aqui de frango caipira, sabe. (Gilmar Pereira – Sítio Serra do Jatobá – Serra Branca)

O mesmo foi funcionário público do Banco do Brasil durante anos. Antes mesmo de se aposentar, adquiri a propriedade com recursos próprios, onde anos depois, inicia a atividade



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

com a criação de aves (frango caipira). Em sua fala, percebe-se o forte sentimento de empresário rural ao frisar que hoje ele seja um dos maiores criadores de frango caipira da região.

Já na cidade de Sumé, observa-se um grupo de “atores” que tem a terra como herança, o que não é um caso geral, e que continua a comprar terras para a criação de gado e culturas agrícolas para a comercialização. Na cidade de Monteiro, vemos que existe a compra da terra com recursos adquiridos em outro tipo de atividade não rural. Estes produtores não operam na base da agricultura familiar, ou não são oriundos de uma família camponesa, mas se interessam pelo meio rural.

É possível encontrar pessoas que adquiriram a terra como herança, que cultivam nas mesmas, mas que exercem outras atividades fora do rural e continuam a comprar outras propriedades, não só nos municípios pesquisados, mas também em outros estados.

Na cidade de Sumé, temos filhos de agricultores que não herdaram a terra, mas que adquiriram propriedades, além daqueles atores que não provém do rural, mas adquiriram terras para investimento. O senhor Lúcio Duarte que relata a sua história de vida no rural e como se interessou principalmente pela atividade agrícola desde muito jovem, deixando os estudos na Capital do Estado ainda no ensino médio, para retornar ao Cariri Ocidental e trabalhar no meio rural.

Minha história foi uma história trabalhada, meu pai quando eu tinha 8 anos de idade, já que não dá pra estudar, vou lhe ensinar pelo menos trabalhar, aí fui tirar leite, eu não sabia, que nunca tinha tirado, fui tirar capim, dar de comer ao gado, cuidar de criação, aí por enquanto. Eu saí, estudei, “um pouco”, ele disse: “você vai pra João Pessoa!” Passei ainda três anos em João Pessoa, doido para vir embora pra cá. Eu disse: “pai eu não aguento essa vida de liso aqui não, quero ir embora, agente ver o senhor sofrendo aí”. Mas é isso que você quer? É isso que quero! Aí vim embora com pouco tempo, casei com Maria da Guia, ela fazia segundo ano científico, eu também, aí fui tentar, minha mãe ainda me perguntou com o que eu ia segurar uma mulher, aí disse: “mãe, o homem que tem coragem de trabalhar como eu, não é preciso perguntar com o que vai segurar não.” Eu fui trabalhar, consegui, trabalhei um ano, e 3 meses, trabalhei na Odebrecht aqui, pedi as contas, era aqui mesmo de Sumé a São José dos Cordeiros, esses três meses pedi as contas. Aí cheguei perto do meu pai, “meu pai eu queria plantar tomate”, todo mundo plantando tomate eu achava bonito aquilo, entrei naquilo tudo em 86, aí fui plantar tomate aí ele me levou no banco, no Banco do Brasil, “esse daqui é meu filho, o que precisar, se não pagar, quem paga sou eu”, ele tem amizade com o gerente, e através disso foi que eu cresci e arrumei essas propriedades, casa, apartamento em João Pessoa, mas tudo através do trabalho, através de um crédito que ele me deu eu conseguir as coisas, na agricultura ainda trabalho na agricultura, e adoro a agricultura. (Lúcio Duarte – Fazenda Cutaé – Sumé).



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Já o senhor José Araújo, atualmente aposentado, possui duas propriedades, uma localizada no município de Sumé, a chamada Sítio Oiti e outra em Serra Branca, a Gangorra Pedra D'água, o mesmo sempre viveu no rural, desde o seu nascimento, após obter uma renda em uma atividade não rural, o mesmo adquire as propriedades para investimento.

Eu já venho de família do rural por sinal ainda hoje vivo da agricultura que sai, lutei muito em comércio, mas nunca deixei. Eu deixei de plantar o milho e o feijão mas nunca deixei de plantar tomate, o pimentão, acerola. É por irrigação naquele tempo do perímetro aqui em Sumé, e ainda hoje eu planto na bacia do açude, faço vazante de capim. Isso foi em longo prazo, trabalhando muito, aí eu lutei muito com carvão, naquela época que se transportava carvão pra Campina Grande, “pra aquele mundo acolá” nessa época entrava em mata virgem, derrubava as matas e fazia carvão, aí consegui comprar um caminhão, quando consegui comprar um caminhão aí comecei carregando “os carvão” meu mesmo, na volta trazia mercadorias pra o comércio de Sumé, para o caminhão que agente levava não vim batendo, quem levasse carvão e viesse batendo... Não durava um ano não, quebrava, mas quem vinha carregado aí tinha muito. Aí, consegui por aí. Tinha muita vontade de possuir uma propriedade que não possuía, eu trabalhava na terra dos outros, meu pai muito pobre num tinha fui criado pelos meus avós. Era deles num era minha por que era dos meus avós, foi aí quando comecei, era muito novo. (José Araújo - Gangorra Pedra D'água - Serra Branca e Sítio Oiti – Sumé)

Contudo, não podemos deixar de apresentar os empresários rurais do município de Monteiro. O senhor Crispim Bispo é filho de ciganos que viviam segundo o mesmo viajando a cavalo e participando de vaquejadas, o que o fez ter interesse em criar equinos e ser esportista de vaquejada, além disso, a vida de “andarilho” o fez conhecer o meio rural e despertar o interesse em possuir uma propriedade rural.

Já nasci no rural, aí fui comprando. Eu vivi como cigano vivia andando daqui pra o Recife, viajando a cavalo, aí foi se acabando. Cigano naquele tempo era uma pessoa que vivia saindo de um canto pra outro, nas estradas. Eu ia pra vaquejada...A gente andava, assim principalmente ao escurecer que não tinha destino, onde parava pra dormir. Meu pai, meus avós, já vivia no ramo de cavalo. (Crispim Bispo – Fazenda São José – Monteiro).

A propriedade do Sr. Clécio Tomé era de herança de família, deixada pelo seu tataravô, o mesmo se interessou pela terra e comprou a mesma a seus tios, no intuito de criação de equinos, que declara ser uma paixão desde a infância. Mesmo não vivendo em propriedade rural o mesmo cresceu montando em cavalos junto à seu avô na mesma propriedade adquirida atualmente por ele.



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Eu comprei. Essa propriedade era do meu tataravô, meu bisavô, e veio meus tios e aí eu comprei ela a meus tios, eles herdaram e eu comprei deles. A propriedade eu comprei praticamente bruta, sem nada eu comprei ela pra fazer tudo. Hoje ela é estruturada pra equino, eu tenho toda estrutura necessária pra criação de equino e acho que tu deve estar estranhando muito, porque não é comum você ver isso aqui nessa região. Eu crio cavalo e gado, só. No momento e só equino e bovino, é mais equino, invisto mais em equino quarto de milha. A criação de equino vem de família, meu avô criava cavalos, mandava montar no sitio, sempre gostei muito de cavalo e ele tinha essas criações, já criava há muito tempo, aí sempre gostei e ate que tive a oportunidade de criar os meus.

Contudo, o caso do Sr. Juraci Conrado difere, dos demais, mesmo relatando que a propriedade adquirida é de família, podemos concluir que esse não provém do rural, pois a propriedade era do avô de sua esposa, o que não confere relação consanguínea com o mesmo, que é o atual responsável pela propriedade em escritura.

Essa é uma propriedade de família pode-se dizer dessa forma, pertencia ao avô da minha esposa e eu adquirei por compra mesmo. O interesse pela terra foi de família mesmo, de continuar o legado da família e também ter uma fonte de renda paralela o que a gente tem. Você compra um bezerro R\$ 600,00 R\$ 700,00 reais passa nem um ano não, com ele, ai vende ele, já ganha 3.000 reais. É mais cultural, no nosso caso aqui é mais cultural, que se for pra dizer que é vantajosa, não, “num” é, não como no Sul do país onde chove, onde você tem, assim, vamos dizer, assim, é um inverno regular, entendeu? (...) mas nós somos tão teimosos, pelejamos na teimosia por que a gente fica apelando, apelando em investir, vai comprando, termina sofrendo tudo de novo na frente [...] (Juraci Conrado - Rancho Maria Bispo – Monteiro).

Nesta fala, observa-se o interesse pela terra e a questão do lucro, pois o proprietário destaca que a atividade da pecuária não é vantajosa, principalmente por se tratar de uma região que sofre com secas constantes, mas frisa que em meio as dificuldades existe o que ele chama de “peleja”- termo muito utilizado para designar a insistência – do Caririzeiro Paraibano para permanecer no rural, tendo nesse caso uma renda paralela.

4. Considerações Finais

Sabemos que é possível conceber o Cariri Ocidental Paraibano como uma região produtora de recursos, principalmente no tocante a expansão da atividade pecuária. Esta atividade produtiva ocupou diferentes espaços ao longo da história dos programas



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

governamentais de desenvolvimento e modernização no semiárido e, conseqüentemente, no Cariri paraibano (GOMES; MENESES, 2010).

As mudanças ocorridas ao longo dos anos na agropecuária leva-nos a refletir sobre as modificações sociais locais que de alguma maneira conserva bases tradicionais, sejam elas nas formas de criação e/ou tratamento do rebanho e manejo de cultivos, ou ainda as relações estabelecidas com o meio, o qual o ator está inserido. A implantação de novas técnicas é visível nesse espaço, alguns produtores incluídos e empenhados no processo de modernização, ampliam sua produtividade, utilizando de novos recursos para a comercialização de produtos e subprodutos da atividade agropecuária; outros mantêm as bases tradicionais desenvolvendo formas alternativas e variadas, a fim de garantir a produção em suas respectivas propriedades.

O grupo de indivíduos identificados como empresários rurais engendram novas relações sociais na atividade agropecuária, o que difere do antigo latifundiário, mas que não perde totalmente as relações tradicionalistas, o que nos faz pensar em processos de transformação social no espaço rural, onde a esfera produtiva de maneira especial, ganha um novo reordenamento, tendo destaque para a pecuária que como já foi mostrado, nos dias atuais, possui maior rentabilidade financeira.

Dessa maneira, os empresários rurais que destacamos aqui, buscam alternativas para manter a produção em suas respectivas propriedades, sem deixar de lado outras atividades produtivas e empreendimentos fora do rural, onde a renda irá circular em torno das atividades que esse ator exerce dentro e fora do rural. Todos os nossos entrevistados possuem alguma renda não agrícola, exercendo assim, outra atividade fora do rural, em diversos setores. Ao serem indagados se hoje daria para sobreviver apenas com a renda da propriedade e se a mesma se mantém ano a ano, todos os entrevistados responderam que não, pois uma renda irá complementar a outra, respondendo assim, a uma das hipóteses levantadas nesse trabalho.

É relativo, para o meu padrão de vida não daria, porque eu tenho uma família de 5 pessoas ainda pago o salário a um rapaz que mora lá com a gente e eu posso dizer a você que eu tiro tudo da propriedade, não, não é verdade, agora quem já está na propriedade explorando familiarmente dá. Volto a dizer, não com padrões elevados, em situação de comprar carros novos, essas coisas, não, nada disso, mas o padrão sobrevivência pra você e alimentar bem, educar a família, fazer por onde eles cresçam e sobrevivam da propriedade com educação e com cautela, dá. Agora dizer que dá, para eu mesmo não daria, por que a propriedade não daria, pra o meu padrão de vida, não dá. (Antônio Alberto, proprietário do Sítio Balanço, mais conhecido como Chácara Ipê – Serra Branca).



VIII Seminário Nacional de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

O que se observa na fala do Sr. Antônio Alberto é que apenas a renda da propriedade não dá pra manter um padrão de vida, almejado e alcançado, por esses empresários rurais o que é notável em vários outros discursos como o do Sr. Lúcio Duarte: “Para o nível de vida que eu vivo não dá, pra viver para comer até dá, mas para viver bem como vivo não.”

O grupo de empresários rurais estabelece uma nova relação com a terra, em termos de uma orientação ao mercado com novas estratégias empreendidas, racionalização dos processos produtivos, através da implantação de novas técnicas e retorno de investimentos. Dessa maneira, definimos esse ator/agente como aquele que transforma o rural a partir de uma nova lógica produtiva, visando o retorno de investimentos, mantendo ainda, um vínculo entre o rural e o urbano, que permite o desenvolvimento de diversas práticas produtivas.

Podemos observar que nos três municípios, os quais nos detemos a estudar, os empresários rurais transformam o meio em que vivem. Todos os atores entrevistados exercem outras atividades fora do rural, sejam elas no comércio local, através do serviço público, aposentados e até mesmo aqueles que estão pleiteando e ou ocupando, muitas vezes além dessas atividades, cargos políticos, que os levam a tornar o rural como um espaço permeado por diversas práticas. As diversas ocupações não rurais apontadas por esses atores, nos fizeram entender como esse grupo atua no Cariri Ocidental Paraibano, no tocante ao que chamamos de reconversões produtivas que como já foi abordado nesse trabalho, vão estar relacionadas às dinâmicas do mundo rural e as transformações apontadas nos últimos tempos na produção agropecuária, como o uso do solo, o manejo de recursos, entre outros.

Dessa maneira, podemos compreender as diversas transformações e relações sociais engendradas na atividade agropecuária associadas à consolidação do grupo de empresários rurais, na região do Cariri Ocidental Paraibano. Podemos dizer que o que leva alguns empresários empresariais a investirem na agropecuária, de maneira a se envolverem com uma nova prática de produção, tendo a terra como uma forma de investimento mantendo, além disso, uma relação com outra atividade que não provém do rural, é o interesse pela terra e pelo o que ela pode proporcionar mesmo em uma região semiárida e afetada por secas constantes.



VIII Seminário Nacional
de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

Referências

BARCELLOS, J. O. J.; LAMPERT, V. N.; GRUNDLING, R. D. P; CANELLAS, L. C. A **Empresa Rural do Século XXI no Contexto do Agronegócio Brasileiro**. I Curso de Capacitação Profissional para Gerentes Rurais: Castanhal - Pará, 2010.

CARVALHO, J. O. **A Economia Política do Nordeste**. Secas, Irrigação e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Campus; Brasília: ABID - Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem, 1988.

CUNHA, L. H. **Processo de (re) pecuarização do semiárido. I seminário do projeto: Políticas públicas, reconversões produtivas e recomposições identitárias no Nordeste brasileiro: um olhar a partir do mundo rural e de suas conexões com o urbano**. UFCG, (Mimeo), 2009.

_____, L. H.; MARQUES L.H G. A **‘(re)pecuarização’ do semi-árido nordestino: projetos territoriais e reconversões produtivas no cariri ocidental da Paraíba**. VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural (ALASRU), Porto de Galinhas – PE, 2010.

FERNANDES, FLORESTAN. **Anotações sobre o capitalismo agrário e mudança no Brasil**. In **Sociedades de classes e subdesenvolvimento**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.190-211. 1981.

GOMES, R. MENESES, V. **As políticas públicas de incentivo a ‘(re) pecuarização’ no semi-árido nordestino’: desenvolvimento, modernização e recomposição espacial**. Ponencia presentada al VIII Congresso Latinoamericano de Sociología Rural, Porto de Galinhas, 2010.

MAIA, K. F. **O "Agronegócio sertanejo": (re) pecuarização e grande propriedade rural na Microrregião de Catolé do Rocha (PB), Semiárido nordestino**. – Campina Grande-PB: PPGCS/UFCG, Dissertação de Mestrado, 2013.

NUNES, A. M. B. **A (re) pecuarização do semiárido nordestino: reconversões produtivas entre agricultores familiares do Pajeú (PE)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande Campina Grande-PB: UFCG, 2011.

SILVA, Mirian Farias Da. **“Reforma Agrária de Mercado” ou Atualização do Clientelismo? O Programa Nacional de Crédito Fundiário e o assentamento de famílias sem terra no Cariri Ocidental Paraibano**. Campina Grande, PB: PPGCS/UFCG, Dissertação de Mestrado, 2012.



VIII Seminário Nacional
de *Sociologia & Política*

Direitos humanos e democracia:
perspectivas e desafios contemporâneos

17, 18 e 19 de Maio | 2017

SZMRECSÁNYI, TAMAS. Notas sobre o complexo agroindustrial e a industrialização da agricultura no Brasil. Revista de Economia Política, vol3 nº 2, abril-junho, 1983.

WANDERLEY, M.N.B. A Sociologia do Mundo Rural e as Questões da Sociedade no Brasil Contemporâneo. Rurais, vol.4, n.1, p: 21-36, 2011.